



AMOR E RESISTÊNCIA – BELL HOOKS E A ESCRITA DO AMOR¹

Ana Verônica Freire Monteiro dos Santos Marinho²
Universidade Federal do Piauí - UFPI

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a escrita de bell hooks, autora estadunidense, teórica feminista e ativista social, como essencial para compreensão da importância das discussões teóricas sobre feminismo no que concerne a fazer levantamento de sua escrita acerca do processo de construção de debates voltados ao feminismo negro dentro da academia. Analisamos sua obra *Vivendo de amor* (2010) que aponta para a construção histórica da vivência do amor pelo povo negro, principalmente pela mulher negra, apresentando-a como sujeito violado e invisível ao longo dos anos. São discussões levantadas pela autora que nos levam a compreender o papel do amor e da resistência como forma de sobrevivência na sociedade do passado e presente. Para tanto, empreendemos a análise de sua escrita, fundamentando nossas considerações em teorias literárias a partir das reflexões de Maria Amélia de Almeida Teles (1993), bell hooks (2010, 2017), Djamila Ribeiro (2018), Frantz Fanon (2008), Gayatri Spivak (2010), Judith Butler (2017). Em contextos de lutas sociais, o amor por si e a reciprocidade deste amor, tornam a resistência dessas lutas mais amenas, sendo possível enxergar, no presente, a possibilidade de sonhar com um futuro sem o peso da dor do passado.

Palavras-chave: Amor. bell hooks. Resistência. Vivendo de amor.

¹ Trabalho apresentado como requisito de avaliação da Disciplina Crítica Literária, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, ministrada pela Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa, período 2018.2.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí - UESPI. E-mail: anaveronicefreire@hotmail.com



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar la escrita de bell hooks, autora estadounidense, teórica feminista y activista social, como esencial para la comprensión de la importancia de las discusiones teóricas sobre feminismo en lo que concierne hacer un levantamiento de su escrita acerca del proceso de construcción de debates volteados al feminismo negro dentro de la academia. Analizamos su obra *Vivendo de amor* (2010) que apunta para la construcción histórica de la vivencia del amor por el pueblo negro, principalmente por la mujer negra, presentándola como sujeto violado e invisible a lo largo de los años. Son discusiones levantadas por la autora que nos llevan a comprender el papel del amor y de la resistencia como forma de sobrevivencia en la sociedad del pasado y del presente. Para tanto, emprendemos el análisis de su escrita, fundamentando nuestras consideraciones en teorías literarias a partir de las reflexiones de Maria Amélia de Almeida Teles (1993), bell hooks (2010, 2017), Djamilia Ribeiro (2018), Frantz Fanon (2008), Gayatri Spivak (2010), Judith Butler (2017). En contextos de luchas sociales, el amor por si y la reciprocidad de este amor, tornan la resistencia de esas luchas más amenas, siendo posible ver, en el presente, la posibilidad de soñar con un futuro sin el peso del dolor del pasado.

Palabras-clave: Amor, bell hooks. Resistencia. *Vivendo de amor*.

Introdução

Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.

(bell hooks)

Discutir a identidade como desvendamento do processo histórico e alavanca para lutas sociais permite a teórico, ao leitor, ao sujeito enxergar-se dentro do turbilhão de questionamentos pontuados ao decorrer do tempo que ainda perduram na sociedade atual. Compreendemos a luta da construção do indivíduo mulher na



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

academia, assim como a representatividade da mulher negra na academia, lugar de fundamentação teórica para apoio às discussões proferidas às camadas da sociedade, com o intuito de alcançar aqueles que de alguma maneira não tem acesso ao conhecimento.

É de suma importância debater os ideais construídos pelos intelectuais no processo igualitário de direitos entre homens e mulheres, assim como nas fundamentações das relações entre gênero, raça e classe.

Como uma das autoras chave do processo de compreensão dessa tríade temos bell hooks como representatividade de luta acadêmica e social no que concerne a discutir as inquietudes que sofrem o povo, a mulher negra no passado com reflexo direto ao presente. Com isso, pontuaremos sua representação acadêmica como forma de analisar posteriormente sua escrita através de Vivendo do amor, texto que leva ao leitor refletir a trajetória das mulheres negras e as relações de afetividade.

Bell hooks- luta pelo feminismo negro

bell hooks, escritora estadunidense, feminista, ativista social é referência do feminismo negro na atualidade. Comunga das percepções elencadas por Gayatri Spivak e Patrícia Hill Collins no que concerne a discutir a invisibilidade ou mesmo as subordinações sofridas pelo do sujeito subalterno, neste caso a mulher negra como sujeito. Em sua obra Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade, nos faz compreender educação como diretriz de conhecimento a partir do instante de fortalecimento intelectual do sujeito como determinante de sua própria liberdade.

bell hooks explicita nesta obra o percorrido acadêmico que traçou durante sua vida como professora, os desafios que enfrentou no que concerne ao preconceito racial



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

nos Estados Unidos da época do Apartheid assim como os desafios acadêmicos que se relacionam mais uma vez aos preconceitos de raça sofridos através do patriarcado, assim como o reflexo deste impostos pelas intelectuais feministas.

Compreende-se seu percurso intelectual e político no sentido de apreender a importância de discutir o feminismo como prática igualitária (homens e mulheres), mas também dar visibilidade e direitos ao feminismo negro como base fortalecedora das discussões de gênero, raça e classe.

O feminismo surgiu através de ondas de discussão e problematização levantadas por intelectuais que visavam partilhar a realidade vivida por mulheres sem direitos sociais, apontando questões como igualdade entre os sexos no sentido de promover visibilidade ao contingente feminino e reafirmar seu posicionamento e valor dentro da sociedade. Além desta busca de direitos sociais sem hierarquia de gênero, se discute as diversas formas de opressão sofridas pelas mulheres, sendo necessário pontuar essas especificidades de maneira a buscar alcançar o objetivo de igualdade.

bell hooks elenca que ainda na década de 70, no auge das discussões feministas na universidade, essas discussões eram universalmente voltadas para mulheres brancas, de classe média e discutidas por estas mulheres. Era preciso então contornar ou mesmo agregar pautas que permitissem que a luta por direitos chegasse às mulheres negras. Questões são levantadas pelas autoras permitindo compreender seu posicionamento e a realidade vivida, onde os programas de estudos da mulher não estavam preparados para aceitar discussões de raça e gênero. bell hooks afirma que:

por mais que se clame por uma “diversidade” quase não existe compreensão realista de como as estudiosas feministas tem de mudar sua maneira de ver, falar e pensar para que possamos nos comunicar com vários públicos, os “diferentes” sujeitos. (hooks, 2017, p. 152;153)



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Com isso, estudos negros foram incorporados nos cursos com o intuito de apresentar aos acadêmicos que existe algo a mais no sofrimento da mulher, que historicamente foi e é silenciada pela sociedade, reformulando a política teórica feminista, percebendo que desconstruir a categoria de gênero como modo binário é essencial e passar a discutir gênero, raça e classe é fundamental, como é pautado por Judith Butler na década de noventa.

Existe ainda, muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam. Enquanto feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, em vez de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, só reproduzir as velhas e conhecidas logicas de opressão. Em *O segundo sexo*, Beauvoir diz: “Se a ‘questão feminina’ é tão absurda é porque a arrogância masculina fez dela uma ‘querela’, e quando as pessoas querelam não raciocinam bem”. E eu atualizo isso para a questão das mulheres negras: se a questão das mulheres negras é tão absurda é porque a arrogância do feminismo branco fez dela uma querela, e quando as pessoas querelam não raciocinam bem. (RIBEIRO, 2018, p. 53)

Esse silenciamento histórico está pautado nas diversas opressões sofridas ao longo do tempo que resultam na dominação e imposições às mulheres, como sujeitos que devem obediência e submissão ao patriarcado. Maria Amélia de Almeida Teles em *Breve história do Feminismo no Brasil* (1993, p. 9) aclara:

Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto de rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incomoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos. É acreditar que essa condição, perpetuada em dimensão universal, deva ser transformada radicalmente. É solidarizar-se com todas as mulheres que desafiaram os poderes solidamente organizados, assumindo as duras consequências que esta atitude acarretou em cada época. É



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

compreender que a submissão, por mais sutil que seja, é o resultado de um processo de tal forma brutal, que acaba por impedir a própria vontade de viver dignamente. Ninguém é oprimido porque quer. Uma ideologia patriarcal tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica.

Pautado nas colocações de Teles (1993), compreende-se que é necessário questionar a universalização no sentido de focar nas diversidades e história das mulheres como prática pessoal a ser aceita e discutida, de modo a interagir com os modos de construção da teoria feminista.

Relacionando o pensamento de bell hooks e de Djamila Ribeiro, autora e filósofa brasileira as duas intelectuais visam a importância de discutir o papel da mulher dentro da academia, mas principalmente a desconstrução de estereótipos relacionado a mulher negra socialmente, sendo necessário empreender no movimento feminista seu valor interseccional.

O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários. (RIBEIRO, 2018, p. 47)

Baseado nas exposições intelectuais e discussões que fundamentam a importância de compreender o papel da mulher negra na sociedade, seu histórico assim como meios de lutar para uma transformação de direitos de gênero, raça e classe, visamos analisar a obra *Vivendo de amor*, de bell hooks como a exemplificação da luta por uma vida mais justa, igualitária e de respeito ao sujeito mulher negra.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Vivendo de amor

Em *Vivendo de amor* (2010), bell hooks apresenta as relações de afeto relacionadas à mulher negra no que concerne a sua postura enquanto mulher e as possibilidades de destino que é atribuído a este sujeito, assim como refletir como os processos coloniais e pós-coloniais construíram na realidade do povo negro um distanciamento do que vem a ser o amor.

O desdobramento desta escrita está voltado para a arte de amar, assunto este delicado buscando mostrar até que ponto as mulheres negras podem amar? De onde provem a consequência de não saber amar?

O amor é definido através da união de sentimentos, do estar e crescer com o outro a fim de permitir a expansão de sentimentos. Buscando historicamente as relações de poder e abuso sofridos pelo povo negro, servidão laboral e sexual, percebe-se a que a dor histórica sobrepõe-se sobre a expressão do amor. O ideário de inferioridade ainda se faz presente socialmente, quando carregamos e reproduzimos estereótipos para que haja “aceitação” do sujeito negro por parte do sujeito dominante.

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. (hooks, 2010, p.1)

A conscientização da arte de amar é um processo, assim como as discussões por direitos. São barreiras criadas ao longo dos anos que insistem em permanecer no ideário de dominação, assim como do sujeito dominado.

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), no capítulo A mulher de cor e o homem branco explicita:

Porque enfim, quando lemos no romance autobiográfico *Je suis Martiniquaise* — “Gostaria de ter me casado, mas com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é realmente respeitável aos olhos de um branco. Mesmo se ele a ama. Eu sabia disso” — temos o direito de ficar preocupados. (FANON, 2008, p. 53)

Nos leva a refletir o histórico de inferioridade imposto ao negro como a busca da brancura como parte essencial para a aceitação social, a máscara a ser posta. Mais na frente, Fanon atribui a mesma visão ao homem negro que busca incessantemente relacionar-se com uma mulher branca como forma de adquirir sua brancura.

Buscando compreender as consequências do “não saber amar”, inferimos o que a autora apresenta em seu texto. Esta consequência é gerada através de uma estratégia de sobrevivência do povo, da mulher negra no período escravocrata.

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor.

As dificuldades vivenciadas surgiram pelo ato da repressão de emoções, resistindo a uma realidade cruel, gerada pelo poder e dominação do outro como sujeito subalterno. Gayatri Spivak, em *Pode o subalterno falar?* (2010) nos permite visualizar e



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

compreender que a questão da “mulher” é problemática e que através das três maneiras: mulher, pobre e negra é ainda mais difícil de ser vivenciada.

A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros- o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome- fez com que se mostrassem solidários entre eles somente em situações de extrema necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos. Somente em espaços de resistência cultivados com muito cuidado, podiam expressar emoções reprimidas. Então, aprenderam a seguir seus impulsos somente em situações de grande necessidade e esperar por um momento "seguro" quando seria possível expressar seus sentimentos. (hooks, 2010, p.2)

Como resistência o ato ou expressão de sentimentos, tornariam os sujeitos vulneráveis, diante de uma realidade incerta e como forma de sobrevivência abriam mão de toda e qualquer forma de amor.

Expressar os sentimentos poderia significar uma punição ainda maior. Os pais avisavam: "Não quero ver nem uma lágrima". E se a criança chorava, ameaçavam: "Se não parar, vou te dar mais uma razão para chorar." Como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo sem permitir que ele experimentasse qualquer forma de consolo, ou mesmo que tivesse um espaço para expressar sua dor? E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa ideia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Eles acreditam que o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida. (hooks, 2010, p.4)

Outro ponto levantado, a autora reflete na necessidade de adquirir o material, suprir as necessidades para não mais sofrer como os de antigamente, assim como na fala de Eva para sua filha Hannah: “Em 1895 não era nada fácil. Era muito duro. Os negros morriam como moscas...” (hooks, 2010, p.5). Houve esta necessidade e



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

permanência desta postura para sobreviver e mesmo resistir à imagem deturpada que se tinham dos negros.

Eva mostra que a luta pela sobrevivência não significava somente a forma mais importante de carinho, mas estava acima de tudo. Muitos negros ainda pensam assim. Suprir as necessidades materiais é sinônimo de amar. Mas é claro que mesmo quando se possui privilégios materiais, o amor pode estar ausente.

Nesta seção a autora apresenta o posicionamento da mulher como fortaleza diante dos obstáculos e imposições. Mulher forte que busca apenas suprir necessidades da família, sendo esta uma herança social que perdura com grande porcentagem em nossa sociedade. bell hooks compreende que o suprir das necessidades materiais é equivalente ao suprir das necessidades emocionais, existindo tanto o alimento do corpo como o do coração que se torna importante na resistência diante das dificuldades que assolam o indivíduo.

A existência do amor como forma de resistência alavanca a plenitude deste sentimento, sendo fundamental sobrepor-se a ao ideário de sobrevivência. Como enfatiza hooks (2010, p. 6) “O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência”.

A presença constante do amor está na arte de amar, quando nos conhecemos verdadeiramente há como distinguir as dicotomias que permeiam a existência do indivíduo, ponderando o lado positivo e negativo daquilo que se cultiva no decorrer da vida, sabendo que a afetividade é importante e reconhecer que precisamos de amor.

Quando substituo a crítica negativa pelo reconhecimento positivo, sinto-me mais forte para começar o dia. A afirmação é o primeiro



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão "amor interior" e não "amor próprio" porque a palavra "próprio" é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante. (hooks, 2010, p.8).

Porém, como já explicitado, é necessário que a própria mulher decida olhar-se sem censura, buscando desvencilhar-se dos estereótipos que por tanto tempo carregam, pelas marcas do processo de escravidão.

Onde está o amor, quando uma mulher negra se olha e diz: "Vejo uma pessoa feia, escura demais, gorda demais, medrosa demais - que não merece ser amada, porque nem eu gosto do que vejo" Ou talvez: "Vejo uma pessoa tão ferida, que é pura dor, e não quero nem olhar pra ela porque não sei o que fazer com essa dor". (hooks, 2010, p.9).

A dor se torna permanente no seu cultivo, no não reconhecimento da capacidade de amar. Aquelas que já se permitiram amar e conhecer-se como indivíduos plenos, tem a função de ensinar, esclarecer a tantos outros e outras que o amor também deve ser cultivado e permeado.

As mulheres negras que escolhem (e aqui enfatizo a palavra "escolhem") praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor. (hooks, 2010, p.10)

Como última seção, a autora trata do Amor cura, exemplificando através do poema de Nikki Giovanni que a autodestruição da mulher negra é o maior elemento da não compreensão do amor, pois internaliza sua condição de inferioridade, como Patrícia



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Hill Collins (2016) explicita que às mulheres negras eram definidos estereótipos de mulas, apenas para trabalhos domésticos, onde foi criada a desumanização da mulher negra através de imagens distorcidas que eram favoráveis a uma sociedade controladora.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (hooks, 2010, p.12)

Porém, aprender a amar liberta das algemas e máscaras postas por tanto tempo nos negros, na mulher negra. Amar é encontrar a cura e expandir sentimentos para crescimento como indivíduo.

Considerações finais

Com isso, reconhecemos na escrita de bell hooks o fortalecimento no contexto das lutas sociais, no sentido de discutir o papel da mulher negra na sociedade a partir de seu reconhecimento como indivíduo carregado de sentimentos que fortalecerão sua resistência no que concerne a promover a compreensão de direitos fundamentais para a vida social, direito de voz dentro da academia para que as discussões fundamentais à quebra de silêncio atravessem as fronteiras da academia. O amor por si e a reciprocidade deste amor, tornam a resistência dessas lutas mais amenas, sendo possível enxergar, no presente, a possibilidade de sonhar com um futuro sem o peso da dor do passado.



REFERÊNCIAS

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do Feminismo no Brasil.**

HOOKS, bell. **Ensinando a Trangredir – A educação como prática da liberdade.** Tradução: Marcelo Brandão Cipolla – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Vivendo de Amor.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. 2010

Ribeiro, Djamila. **Quem tem medo de Feminismo negro?** 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas /** Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução: Renato Aguiar – 10ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Revista Sociedade e Estado – Volume 3. Número 1 - Janeiro/Abril 2016